



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**

CHRISTIAN RUAN DE ALMEIDA SANTOS

**CONSTRUINDO PLANOS DE AULA PARA O ENSINO BÁSICO DAS ESCOLAS DE
SANTARÉM (PA): O QUE É ARQUEOLOGIA? O QUE É ARTE RUPESTRE?**

**SANTARÉM – PA
2024**

CHRISTIAN RUAN DE ALMEIDA SANTOS

**CONSTRUINDO PLANOS DE AULA PARA O ENSINO BÁSICO DAS ESCOLAS DE
SANTARÉM (PA): O QUE É ARQUEOLOGIA? O QUE É ARTE RUPESTRE?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Programa de Antropologia e Arqueologia, para
obtenção do grau de Bacharel em Arqueologia;
Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de
Ciências da Sociedade.

Orientadora: Dra. Anne Rapp Py-Daniel.



**SANTARÉM – PA
2024**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

- S237c Santos, Christian Ruan de Almeida
Construindo planos de aula para o ensino básico das escolas de Santarém (PA): o que é arqueologia? o que é arte rupestre? / Christian Ruan de Almeida Santos. – Santarém, 2024.
54 p.: il.
Inclui bibliografias.
- Orientação: Anne Rapp Py-Daniel.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Bacharelado em Arqueologia.
1. Patrimônio cultural. 2. Educação patrimonial. 3. Arqueologia – Aspectos educacionais. 4. Arte rupestre. I. Py-Daniel, Anne Rapp, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 363.69098115


CHRISTIAN RUAN DE ALMEIDA SANTOS

**CONSTRUINDO PLANOS DE AULA PARA O ENSINO BÁSICO DAS
ESCOLAS DE SANTARÉM (PA): O QUE É ARQUEOLOGIA? O QUE É
ARTE RUPESTRE?**


Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Instituto de Ciências da Sociedade – ICS da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Bacharel em Arqueologia.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Anne Rapp Py-Daniel

Conceito: 10,0


Data da Aprovação 23 / 05 / 2024

Documento assinado digitalmente
 ANNE RAPP PY DANIEL
Data: 23/05/2024 16:01:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Anne Rapp Py-Daniel – Orientadora
Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA

Documento assinado digitalmente
 MYRTLE PEARL SHOCK
Data: 23/05/2024 15:48:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Myrtle Pearl Shock – Avaliadora
Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA

Documento assinado digitalmente
 MAURICIO ANDRE DA SILVA
Data: 23/05/2024 15:54:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Maurício André da Silva – Avaliador
Universidade de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus e como meus pedidos e cuidados foram atendidos durante esses últimos anos. Agradeço enormemente a minha mãe que sempre me incentivou a estudar e se não fosse seu apoio, não estaria hoje finalizando o curso. Quero agradecer aos meus dois irmãos que sempre acreditaram em mim e me apoiaram sempre. Minha avó Maria Antônia, com a qual sempre me identifiquei e sempre me ajudou desde muito pequeno.

Não poderia deixar de agradecer aos meus amigos que estão comigo desde o ensino médio e as tardes de macarronada lá em casa, Emily Karina, Sara de Almeida, meu primo Douglas Eduardo. Se tornar adulto foi difícil, mas vocês são responsáveis pelo companheirismo.

Quero fazer um agradecimento especial a duas pessoas que são muito importantes para mim, meu amigo Caio Jorge “que a arqueologia me deu e a geologia me tirou” e minha irmã Thaís Letícia, eu devo muito a vocês e acredito que esses últimos anos seriam muito difíceis sem vocês. Caio me ensinou a ser uma pessoa acadêmica e “ama” tanto a UFOPA quanto eu, e Thaís, que será uma excelente professora de história e de todos, minha amiga mais antiga, quase uma década de frustrações amorosas e choro pelo ônibus do Tabocal.

Um agradecimento especial a pessoas importantes que passaram pela minha vida e me marcaram de alguma forma, Duda, Kamila, PH, Adiel, minha mãe Daira, Júlia, Léo, William, Gabriel técnico de T.I. que aguentou meus surtos tecnológicos, eu não seria NADA sem você!!!! e claro a Dona Lucas Tavares (nome completo censurado).

Quero agradecer a todos do Lab Curt Nimuendaju e do Centro Acadêmico Maria Moaçara, está no lab era como uma família e adoro o café da tarde e fico muito feliz por ter conhecido todos, Gabriel Corrêa, Ítala Luanda, Luan, Cassinho, Keline, Fernanda, Cris, Camili, Emilly Mararu, Aline, Maieri, Mayara, Thallys, Ana, Zé, Leliane, Onésimo, Jussara.

Agradecer a todos os professores do curso de arqueologia, foi uma grande honra aprender com vocês, um agradecimento especial para minha orientadora Anne que sempre acreditou em mim, mesmo quando eu mesmo não acreditei, confiou em mim e deu oportunidades maravilhosas durante a graduação.

Queria agradecer aos meus companheiros de 2019, Wellington Ruiz e Anne Simões que são exemplos para mim. Quero agradecer ao meu camarada Marlinhos, aprendi, aprendo e aprenderei muito com você. Gostaria de agradecer a banca pela disponibilidade, sou secretamente fã de vocês.

E gostaria de agradecer a mim mesmo, por me reinventar várias vezes e aguentar muita coisa nessa jornada. Saio dessa etapa de minha vida muito realizado com todas as conquistas.

“Deixou-se levar excessivamente pela imaginação vendo "antropomorfos” nas pedras lascadas e culturas “paleolíticas” em excesso”

Gabriela Martin (2005)

RESUMO

Após levantamentos de dados arqueológicos, Santarém (PA) foi considerada a cidade mais antiga da região amazônica, mas devido ao ensino básico ser um tanto restrito a contextos pós-coloniais, essas informações de caráter arqueológico estão limitadas aos muros da universidade. Nesse sentido, o projeto foi elaborado para potencializar estratégias de ensino e desenvolver atividades lúdicas dentro do campo da educação patrimonial e especificamente nas escolas da região. Desde muito tempo, Monte Alegre e Santarém (PA) são alvos de pesquisas arqueológicas que estão em constante desenvolvimento. É sempre importante trabalhar o protagonismo das comunidades de potencial arqueológico, e dar a elas o poder de entender e se apropriar de suas histórias, incluindo-as no conteúdo programático dos professores do ensino básico. Dito isso, é fundamental trabalhar a divulgação científica, pensando no tripé universitário, ensino-pesquisa-extensão, por isso foi pensada esta introdução sobre arqueologia e sítios de arte rupestre. Com o apoio da arqueologia experimental, é proposto métodos de fabricação de tintas de formas naturais para se trabalhar na sala de aula de uma maneira dinâmica e inclusiva entre os alunos. A fase atual da pesquisa inclui também a utilização de um plano de aula que consiste em usar a materialidade e a arte rupestre para exemplificar como elas podem se relacionar com o dia-a-dia dos estudantes e aproximar os discentes da Universidade, além de trabalhar a inclusão social que proporciona a interação dos alunos com o conhecimento arqueológico no âmbito escolar.

Palavras-chave: Materialidade, Arte rupestre, Arqueologia, Estudantes do ensino básico

ABSTRACT

After archaeological surveys, Santarém (PA) was considered the oldest city in the Amazon region, but due to basic education being somewhat restricted to post-colonial contexts, this archaeological information is limited to the university walls. In this sense, the project was designed to enhance teaching strategies and develop educational activities within the field of heritage education and specifically in schools in the region. For a long time, Monte Alegre and Santarém (PA) have been centers of archaeological research that are in constant development. It is always important to promote the protagonism of communities with archaeological potential, and give them the power to understand and to appropriate their own stories, including them in the program content for basic education teachers. However, it is essential to work on scientific dissemination, thinking about the universities tripod, teaching-research-extension, this is why this introduction to archeology and rock art sites was thought of. With the support of experimental archaeology, methods for manufacturing paints in natural ways are proposed to work in the classroom in a dynamic and inclusive way among students. The current phase of the research includes also the use of a lesson plan that consists of using materiality and rock art to exemplify how they can relate to students' daily lives and bring students closer to the University, in addition to promoting an inclusive social environment that provides students with interaction with archaeological knowledge at school.

Keywords: Materiality, Rock art, Archaeology, Students of basic education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Alunos do 6º ano da escola Irmã Dorothy em exposição sobre materiais arqueológicos.....	17
Figura 2: Mural com representações de figuras rupestres feitas com barbante e papelão exposto em atividade do colégio Irmã Dorothy	18
Figura 3: Professor Corona com uma pintura feita por seus alunos usando materiais recicláveis, na capacitação do PROARQUE em Monte Alegre em maio de 2023.	19
Figura 4: Materiais feitos por alunos em exposição em Monte Alegre.....	19
Figura 5: Pinturas em suportes de rocha, em exposição de alunos em Monte Alegre.....	20
Figura 6: Maquete representando o Parque Estadual de Monte Alegre em exposição feita por alunos das escolas de Monte Alegre.	20
Figura 7: Kit pedagógico com materiais arqueológicos e réplicas.....	27
Figuras 8 e 9: Leonardo fazendo decalque no Laboratório de Arqueologia e o jogo da memória.	29
Figura 10: Resultado de uma das últimas tentativas em fazer tinta sobre papel.	30
Figura 11: Figura antropomorfa presente no Parque Estadual de Monte Alegre que serviu de inspiração para a atividade.	31
Figura 11 e 12: Coleção pessoal do professor Messias utilizada nas aplicações no colégio Álvaro Adolfo.....	32
Figura 13: Professor Messias explicando sobre sua coleção durante uma das aplicações do PROARQUE.....	34
Figura 14: Alunos do Álvaro Adolfo com seu painel.....	36
Figura 15: Alunos do São Raimundo com seus painéis durante visita ao laboratório.	37
Figura 16: Exemplos de vaso cariátide representado na calçada da orla da cidade de Santarém	39
Figura 17: Exemplos de vaso cariátide representado na calçada da orla da cidade de Santarém	39
Figura 18: Resultado dos painéis dos alunos do colégio Rio Tapajós durante as aulas.....	40
Figura 19: Alunos do colégio Rio Tapajós fazendo o painel.....	41
Figura 20: Aluna do colégio Rio Tapajós fazendo tinta.....	41
Figura 21: Alunos criando o painel.	42

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA	15
2.1	Abordagens sobre Patrimônio Cultural em Santarém e Monte Alegre: Transmitindo e reciclando.	17
2.2	Pensando na Educação Patrimonial nos exemplos mencionados.....	21
3	MATERIAIS E MÉTODOS	24
3.1	Plano de aula	25
3.2	Kit Pedagógico	26
3.3	Jogo da memória feito a partir de decalques digitais de arte rupestre.	28
3.4	Criação de um painel rupestre, contando a história do Antropomorfinho.....	29
4	RESULTADOS - APLICAÇÕES DO PROJETO NAS TURMAS DAS ESCOLAS ÁLVARO ADOLFO, SÃO RAIMUNDO E RIO TAPAJÓS	32
4.1	Colégio Álvaro Adolfo	32
4.2	Colégio São Raimundo Nonato.....	36
4.3	Colégio Rio Tapajós	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43

APRESENTAÇÃO

Em março de 2019, quando botei os pés pela primeira vez na UFOPA, eu percebi que havia encontrado uma segunda casa. É claro que fazer arqueologia não estava nos meus planos a longo prazo e nem aparecia nos meus testes de “Descubra qual curso você irá fazer depois que sair do Ensino Médio”, pois desde muito tempo, minha vontade sempre foi ser professor. O ato de ensinar me deixa extremamente fascinado e acompanho isso diariamente com uma família que tem duas professoras que admiro tanto, minha tia Flora e minha mãe, a dona Franciclei (ou Clei para os íntimos), e apesar de ter crescido estudando em várias escolas, tendo que fazer novos amigos anualmente, eu percebi que o ambiente escolar sempre me agradou, e até hoje me agrada, e nesse caso, foi nisso que pensei quando decidi me inscrever na UFOPA, e felizmente, ou não, acabei parando na Arqueologia e não na História, o que sempre quis fazer, e podem acreditar, aos poucos a arqueologia foi me mostrando um “leque de possibilidades” (como os professores gostam de dizer) e eles não estavam de brincadeira!

A pluralidade dentro da arqueologia fez eu ficar encantado com as possibilidades que eu teria no curso, como poder fazer algo relacionado à educação, principalmente dentro das comunidades, apresentando a “palavra” da arqueologia para todos. Então, encontro o Programa “Arqueologia nas Escolas: Histórias da Amazônia”, que oferecia as possibilidades que eu estava procurando, fora minha tremenda admiração pelas professoras Anne Rapp Py-Daniel e Myrtle Pearl Shock, que coordenam juntas esse projeto de extensão da UFOPA, ambas são inspirações para mim como acadêmico de arqueologia, e duas excepcionais professoras que tive a honra de ser aluno.

Com isso, meu tema de TCC veio junto com o que eu comecei a produzir dentro do programa, mas de início a arte rupestre não estava incluída, apenas uma abordagem sobre a materialidade arqueológica. Confesso que falar sobre arte rupestre não era muito meu foco, pois eu a enxergava como algo extremamente complexo. Até eu conhecer pela primeira vez um painel rupestre de verdade, que foi em uma ida à campo com a professora Myrtle no PEMA (Parque Estadual Monte Alegre), onde eu vi as pinturas rupestres a centímetros de mim, me lembrava muito a parede que eu desenhei quando criança e, desde aí, vim elaborando dinâmicas para meu projeto usando a arte rupestre como protagonista. Sempre fui uma pessoa com aura profunda e significados intensos, minha dinâmica de propor para os alunos criarem seu próprio painel foi me lembrar de quando eu criei o meu, na parede de casa, e me diverti tanto que pensei que poderia ser divertido para outras pessoas também.

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho de conclusão de curso surgiu como um projeto dentro do programa de extensão “Arqueologia nas Escolas: Histórias da Amazônia” (PROARQUE), que atua desde 2016 com o propósito de levar ao ensino básico explicações sobre o conhecimento arqueológico, capacitando professores com propostas de exercícios pedagógicos relacionados à arqueologia. O programa entende a arqueologia como uma ferramenta de combate ao racismo e de divulgação da história de povos tradicionais, raramente representados em ambiente escolar.

Coordenado pelas Profa. Dra. Anne Rapp Py-Daniel e a Profa. Dra. Myrtle Pearl Shock, o programa tem continuidade anual e diversas parcerias pelo estado do Pará, servindo como multiplicador do conhecimento sobre arqueologia que facilite o acesso de informações propostos nessas ações de educação patrimonial.

O programa lançou 4 livros feitos para alunos das séries iniciais, fundamental 1 e 2 e até ensino médio, sendo eles “Descobrimos a Arqueologia”, “Arqueologia e suas aplicações na Amazônia”, “Uma Santarém mais antiga sob o olhar da Arqueologia” e o mais recente “Monte Alegre: uma história de longa duração”.

Esses são os livros escritos em conjunto por vários pesquisadores influentes na região amazônica, que foram reiterados com suas pesquisas e seus dados distribuídos nos livros da maneira mais didática possível, eles amparam os professores a repassarem o conhecimento para seus alunos.

Esse meio de extroversão do conhecimento arqueológico está bastante relacionado aos temas propostos dentro da Arqueologia Pública, assim como propõe Funari e Tega (2014), em seu texto “Arqueologia, do Imperialismo à inclusão social”, a importância da arqueologia pública, dentro das ciências humanas e sociais, mostra quem faz e para quem a arqueologia é feita, também manifesta que a arqueologia deve desempenhar um papel importante para a sociedade.

A ciência arqueológica por muito tempo teve um início majoritariamente branca e, no caso do Brasil, estrangeira também. Só depois de algumas décadas ela passou a ser plural, mas tendo ainda um problema de divulgação desses dados visto que a sociedade externa (ou não acadêmica) tem questões sobre o que é arqueologia de fato.

Um ponto interessante que podemos acentuar, é como a região de Santarém no oeste do estado paraense, tem uma presença relevante de material arqueológico, ocasionando em pesquisas na região após dados etnográficos relatados por cronistas num primeiro contato.

A partir de levantamentos desses dados, foi proposto que Santarém (Pará) é mais antiga do que se pensa. Nos anos de 1541 e 1542, o Frei Gaspar de Carvajal participou da primeira expedição europeia conhecida a descer o rio Amazonas e, ao passar por Santarém, relatou o que viu durante essa época: povoados enormes, com grandes quantidades de pessoas e, algumas vezes, com comida suficiente para compartilhar com toda a tripulação. Foi a partir do relato de Carvajal que a lenda das Amazonas ficou conhecida e que diversas histórias, mais ou menos fabulosas, foram difundidas pelos europeus e depois pelos brasileiros (Rapp Py-Daniel *et al.* 2017a, pg. 5).

O relato de Carvajal foi importante para especificar que antes da invasão europeia, a região já tinha seus moradores que viviam no que se tornaria Santarém. A população da cidade atualmente, tem uma ideia de que as populações indígenas ocupavam a região, mas prefere acreditar que a cidade “nasceu” na data de 22 de junho, data reconhecida como o aniversário da cidade, que marca um ponto importante da história do município, a chegada do Padre João Felipe Bettendorff para começar uma missão na boca do rio Tapajós (Rapp Py-Daniel *et al.* 2017a).

Os dados arqueológicos utilizados como documentação comprovando a existência de um povo pré-contato, são de caráter importante para a divulgação do conhecimento geral relacionado aos povos indígenas. O oeste do Pará é marcado por sítios arqueológicos conhecidos e pesquisados chegando a datas de até 12 mil anos, se tratando de uma ocupação de longuíssima duração (Pereira *et al.*, 2018). Um bom exemplo disso, são os sítios de arte rupestres que estão presentes dentro do Parque Estadual Monte Alegre (PEMA).

Monte Alegre se tornou, a partir dos anos 1990's, um dos municípios mais importantes em se tratando de arqueologia. Localizado no oeste do Pará, no baixo Amazonas e razoavelmente próximo à Santarém, o município já era mencionado por cronistas em suas expedições na região no séculos XVII e XVIII, mas na época o município ainda se chamava aldeamento de Gurupatuba, vindo se chamar Monte Alegre devido aos Decretos Pombalinos do século XVIII executados por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, governador de Estado do Grão Pará e Maranhão, que mudou os nomes indígenas da região amazônica, replicando o nome de cidades portuguesas, um problema trazido pela invasão europeia (Pereira; Barreto; 2017).

Entre 1848 e 1850, o naturalista Alfred Wallace relatou a existência das pinturas, mas foi com o geólogo Charles Hartt que os primeiros estudos sobre as pinturas começaram a ser feitos, onde mais tarde, se tornaria o PEMA (Pereira *et al.* 2018).

Pensando nisso, neste trabalho propomos meios que possam auxiliar a resolver essa questão temporal que afeta o meio escolar, e que limita os estudos da história do Brasil aos

contextos pós-coloniais. E assim surgiram algumas perguntas norteadoras: como abordar o conhecimento arqueológico dentro das escolas? Como relacionar a materialidade e a arte rupestre com o cotidiano dos alunos?

O objetivo principal da pesquisa foi o de compartilhar o conhecimento científico sobre a arqueologia e suas aplicações para as escolas, com a elaboração de planos de aulas que ajudem na divulgação de informações produzidas dentro da arqueologia, utilizando materiais e a arte rupestre como atividades dinâmicas relacionadas ao conteúdo programático aplicado por docentes das escolas públicas.

E, com o desenvolvimento do projeto, fizemos um recorte sobre quais assuntos abordar para as aulas expositivas, assim, achamos melhor dividir os conteúdos em ações que seriam executadas em duas aulas distintas. Cada aula sendo finalizada com atividades dinâmicas envolvendo a arte rupestre como atividade de fixação após a exposição do conteúdo teórico. Com isso, os objetivos específicos são:

- mostrar a importância da arqueologia para se entender a história das ocupações humanas (de distintas origens) na Amazônia, com aulas expositivas;
- explicar a arqueologia através da materialidade, além de explicar sobre sítios de arte rupestre e como trabalhar perspectivas de longa duração;
- apresentar dinâmicas que possam agregar sobre os tópicos de arqueologia, fomentar a divulgação de conhecimento acadêmico recente para o âmbito escolar;
- valorizar o patrimônio histórico e cultural amazônico junto aos discentes e professores do ensino básico;
- fazer uma reflexão sobre as atividades em âmbito escolar.

Por fim, as temáticas desta pesquisa serão destrinchadas nos próximos capítulos. Sendo o segundo destinado a apresentar o contexto em que este trabalho se passa, com a ajuda dos alunos do ensino médio dentro dos preceitos de um projeto de extensão.

O terceiro capítulo apresenta os métodos utilizados na criação do plano de aula e as atividades de fixação. O quarto capítulo é o de resultados, apresentando a descrição das aplicações do projeto e minha percepção como discente de graduação dentro desse meio educacional. E o último capítulo, são considerações finais e o que foi observado a partir dos resultados obtidos através dessas experiências.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

De acordo com Horta, Grunberg e Monteiro (1999, p. 4) a Educação Patrimonial serve como um “processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento [...]” e que é a partir de manifestações culturais que: o trabalho da educação patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e produção de novos conhecimentos, um processo contínuo de criação cultural. (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, pg. 4).

A Educação Patrimonial (EP) assume metodologias que podem ser aplicadas em determinados contextos, onde evidencie materiais ou um conjunto de bens, monumentos históricos, sítios arqueológicos, áreas de proteção ambiental, manifestações folclóricas ou ritualísticas, produção artesanal, centros históricos, tecnologias e saberes tradicionais, entre outras (Horta; Grunberg; Monteiro; 1999). Ou seja, há uma grande parcela interdisciplinar e diversa sobre a extroversão do patrimônio cultural¹.

Além de apresentar conteúdos diversos, a EP permite que sejam elaborados temas políticos, culturais e sociais distintos: como a presença de uma grande diversidade cultural; ou como uma sociedade pode preservar e se portar diante da movimentação e das transformações do mundo e das pessoas. Por isso, a EP pode servir como apoio para a comunidade externa entender e respeitar o que pode soar “diferente” das suas bolhas.

A ciência arqueológica põe-se presente no campo da educação patrimonial quando trabalhada em locais de potencial arqueológico, contudo, desenvolvimento em maior escala a EP está diretamente relacionado aos trabalhos de arqueologia preventiva. Isto fica evidente em portarias e normativas emitidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, segundo as portarias N° 137 de 28 de abril de 2016 e a portaria N° 375, de 19 de setembro de 2018. Podemos exemplificar projetos específicos de grande repercussão com essa abordagem: “Educação Patrimonial na área do Projeto Serra do Sossego – Canaã dos Carajás (PA)”, “Patrimônio Arqueológico: para conhecer e conservar” e “Ação Educativa do Museu

¹ “A Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio estabelecido pelo Decreto-lei n° 25, de 30 de novembro de 1937, substituindo a nomeação de Patrimônio Histórico e Artístico, por Patrimônio Cultural Brasileiro. Essa alteração incorporou o conceito de referência cultural e a definição dos bens passíveis de reconhecimento, sobretudo os de caráter imaterial”. (<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>).

Arqueológico de Xingó: O Museu vai à Escola, a Escola vai ao Museu (SE)” (Carneiro, 2009), ações que serviram como base para a construção desta pesquisa.

Na Amazônia, a arqueologia está frequentemente relacionada a comunidades tradicionais, pois é comum sítios arqueológicos ficarem próximos a locais de moradia. Em alguns casos, achados arqueológicos acabam se tornando materiais do dia-a-dia das pessoas. Como pequenas coleções de materiais arqueológicos feitas nas próprias casas das pessoas, um exemplo disso é a coleção de peças que Jander Arapiuns da comunidade ribeirinha Anã, na Reserva Extrativista Tapajós–Arapiuns localizada na margem direita do rio Tapajós. Em outros casos, lâminas de machados são usadas como peso de porta em algumas residências (Bezerra, 2013, p. 108).

No entanto, centros urbanos, como Santarém (PA), sofrem continuamente um processo de urbanização e destruição de sítios arqueológicos, com locais pouco preservados, por isso torna-se limitante entender essa realidade arqueológica que existe na cidade.

Os principais sítios arqueológicos conhecidos, estabelecidos na frente da cidade, são o sítio Porto e sítio Aldeia, caracterizados pela terra preta, material cerâmico e lítico. Atualmente, esses materiais estão expostos no Centro Cultural João Fona e na reserva técnica do Laboratório de Arqueologia Curt Nimuendajú na UFOPA. Nesse caso, o apoio da EP serve como função social além de divulgar o conhecimento científico para os santarenos. Abrindo margem para discussões sobre a preservação do patrimônio cultural do município.

Neste cenário, Carneiro (2009, p. 130) afirma que “os programas de educação patrimonial ainda são considerados apenas como uma obrigatoriedade Legal e não como uma ação imprescindível, parte inexorável da pesquisa arqueológica”. Ou seja, mesmo que ações patrimoniais feitas em comunidades de potencial arqueológico existam, não é uma prática contínua, sendo exercida como complemento e não como utilidade pública.

Por isso, aponto a importância do trabalho da EP de forma sistemática acerca do patrimônio cultural em comunidades tradicionais, centros urbanos e áreas rurais. Este ponto levantado por Carneiro (2009) reflete a ausência sobre essas discussões Legais, visto que o conhecimento tradicional não é visado apenas na materialidade, mas com o imaterial também. Para além dessa materialidade, manifestações culturais imateriais são exemplos de transmissão de conhecimentos sobre a relação entre as pessoas da mesma comunidade. Esse é um ponto interessante que podemos definir de acordo com a realidade das pessoas, que são decorrentes das heranças culturais.

2.1 Abordagens sobre Patrimônio Cultural em Santarém e Monte Alegre: Transmitindo e reciclando.

Atualmente, o conhecimento sobre patrimônios culturais são explorados dentro de algumas escolas em Monte Alegre (PA) e pouco abordados em Santarém (PA), áreas de atuação principais desta pesquisa e do programa ao qual ela se relaciona.

Em Santarém, apesar do valor arqueológico da cidade, o tema é pouco falado. Acredito que isso reflita em como a população lida com os patrimônios culturais da região. Podemos citar alguns exemplos de esforços individuais ou de centros escolares isolados, com as ações direcionadas para a valorização cultural tradicional abordada nas práticas pedagógicas da Escola Irmã Dorothy Mae Stang, localizada na comunidade Caranazal próxima à vila de Alter do Chão, em Santarém, dentro do território Borari.

A escola está no processo de afirmação para ser reconhecida como uma escola indígena (Enilda Borari, comunicação pessoal), e tem em sua grade curricular a disciplina de Notório Saber, ministrada pela professora Enilda Borari. A disciplina tem como objetivo apresentar e reproduzir práticas culturais do povo Borari, e trabalha para manter viva, para as próximas gerações, o conhecimento tradicional indígena que a comunidade preserva, a escola está sobre um sítio arqueológico cadastrado no site do IPHAN, o sítio Makukawa (Figura 1 e 2).

Figura 1: Alunos do 6º ano da escola Irmã Dorothy em exposição sobre materiais arqueológicos.



Fonte: Autor, 2023.

Figura 2: Mural com representações de figuras rupestres feitas com barbante e papelão exposto em atividade do colégio Irmã Dorothy .



Fonte: Autor, 2023.

Outros exemplos acontecem em Monte Alegre, graças ao maior ponto turístico da região e hoje patrimônio estadual, o PEMA, é inspiração para exercícios pedagógicos aplicados pelos docentes da rede municipal. Em maio de 2023, participei de uma capacitação do PROARQUE em Monte Alegre, na escola técnica EETEPA onde professores, de diferentes anos, mostraram trabalhos realizados em suas disciplinas, onde usavam a arte rupestre do PEMA como temática, grande parte dos trabalhos utilizam a fabricação de tintas como metodologia além da recriação de pinturas do parque trabalhados em suporte recicláveis, trabalhando a criatividade dos alunos e exercitando a importância dos sítios e da reciclagem (Figura 3).

Um dos professores da capacitação, Lucenildo Soares Lima, conhecido como Corona, é um dos exemplos que podemos citar quando nos referimos a esse tipo de abordagem em sala de aula. Sendo professor de Artes, suas abordagens sobre arqueologia em sala de aula se configuram muito nas atividades práticas, conseguindo uma interação dos alunos com os patrimônios culturais de Monte Alegre, além de destacar a importância do parque para região e como os vestígios rupestres fazem parte da narrativa do município.

Figura 3: Professor Corona com uma pintura feita por seus alunos usando materiais recicláveis, na capacitação do PROARQUE em Monte Alegre em maio de 2023.



Fonte: Autor, 2023.

Figura 4: Materiais feitos por alunos em exposição em Monte Alegre.



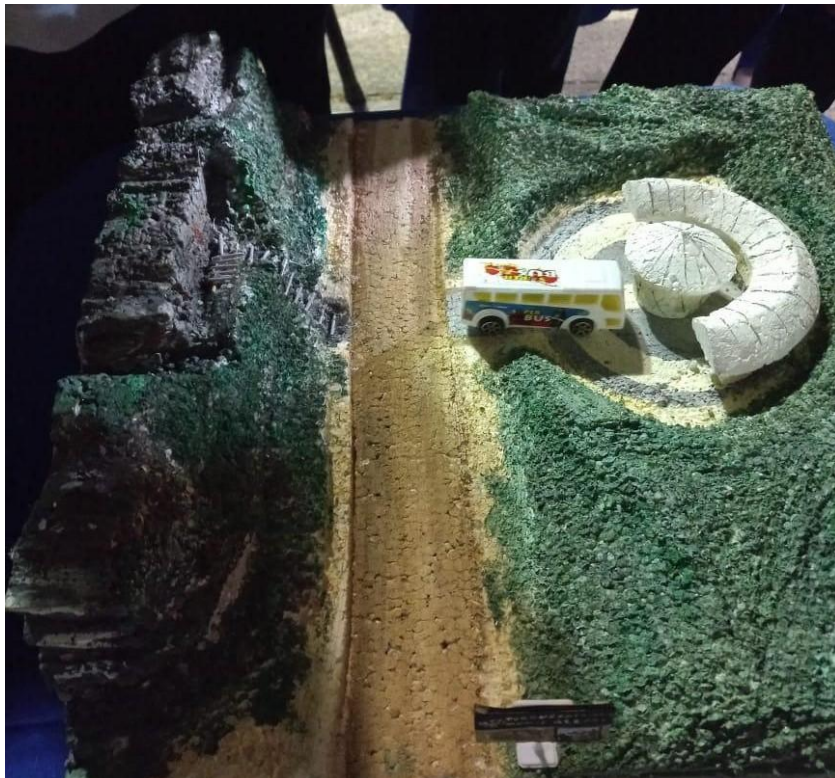
Fonte: Luan Willame 2023.

Figura 5: Pinturas em suportes de rocha, em exposição de alunos em Monte Alegre.



Fonte: Luan Willame, 2023

Figura 6: Maquete representando o Parque Estadual de Monte Alegre em exposição feita por alunos das escolas de Monte Alegre.



Fonte: Luan Willame, 2023.

2.2 Pensando na Educação Patrimonial nos exemplos mencionados.

Nas realidades mencionadas anteriormente é perceptível que as ideias defendidas por Horta, Grunberg e Monteiro (1999), citadas no início do capítulo, estão sendo aplicadas nesses trabalhos de EP. Nesse caso, o âmbito escolar é um vetor de difusão do conhecimento arqueológico e o professor, um agente multiplicador desse conhecimento. Por isso é interessante relacionar o conteúdo das matérias escolares com a arqueologia, pois isso pode fortalecer as pontes que podem/devem ser feitas entre os conteúdos ensinados e a arqueologia.

O ensino de arqueologia dialoga com áreas trabalhadas nas escolas como a história, geografia, química, arte e até física, sendo viáveis divulgar dados arqueológicos para os estudantes além discutir sobre questões patrimoniais.

Como embasamento da nossa afirmação, durante as atividades do PROARQUE, consultamos livros didáticos do ensino médio de 2 bolsistas/voluntários do projeto, Júlia Albuquerque e Leonardo Colares. Decidimos entender mais sobre esse conteúdo relacionado à arqueologia nos livros usados nas escolas de Santarém, e propomos um exercício com perguntas aos discentes sobre o conteúdo que eles estavam tendo.

As perguntas foram: Nome dos autores? Título do livro e ano de publicação? Em que ano o livro foi lido? O assunto estava compreensível? Você lembra se o professor usou algum material de apoio quando falou desse conteúdo? Averiguando os livros de História e Arte do 1º e 3º ano do ensino médio, como “História: passado e presente” de Gislane Azevedo e Reinaldo Seriacopi (2016) e “Prepara Positivo Arte e Educação Física (Livro Didático Volume 1, 2002)” de Edison Rodrigues Filho e Thaynara do Prado Szemereta.

Esse exercício nos induz a compreender o que está sendo discutido em sala de aula com os alunos, quais materiais os professores estão usando para explicar temas relacionados à arqueologia e que tipo de abordagem utilizam, nesse caso, essa revisão dos livros nos direcionou a parâmetros sobre quais assuntos foram vistos e como podemos trabalhá-los para que seja mais interessante para os discentes, ou até em como esses assuntos são importantes para o ensino atual de acordo com as novas normativas dentro do Novo Ensino Médio.

No livro “História: passado e presente”, percebemos que há capítulos direcionados a “Origens da humanidade e importância da agricultura – Capítulo 1” e “Origens do ser humano na América – Capítulo 2”.

Alguns pontos abordados neste livro são: Hominídeos do gênero homo, teorias sobre o povoamento da Terra, revolução agrícola, imagens de artefatos líticos, produção cerâmica, sítios arqueológicos no Brasil, pinturas rupestres, sambaquis, tradições culturais e terra preta.

Ao trabalharem esses temas notamos o uso de analogias entre imagens de povos indígenas atuais para falar sobre a “pré-história”, algo que vemos como questionável, pois reforça o estigma dos povos indígenas ainda viverem nessa “pré-história”.

O segundo livro o “Prepara Positivo Arte e Educação Física” aborda assuntos como: a arte no tempo, história antiga, história indígena antiga, sítios arqueológicos, rituais e os primeiros registros dessa arte. O capítulo 1, intitulado “Arte no tempo”, tem uma breve introdução acerca do conteúdo, expondo sobre manifestações artísticas desde os primórdios da humanidade, a controvérsia do termo pré-história, e a descoberta de registros rupestres em cavernas na França, Espanha e Itália. Cita tópicos como o que são gravuras, pinturas e obras esgrafiadas, manifestações de indivíduos “pré-históricos” no Brasil, técnicas ancestrais e explica o que seria a expressão pictórica, mostrando diversos tipos de representações no universo objetivo e subjetivo e destacando formas conhecidas como os desenhos, as gravuras, esculturas e entre outros tópicos, mesmo esse livro abordando mais sobre arqueologia, em algumas partes, usou a palavra “antropólogo” para se referir a quem estuda vestígios materiais.

Nesse momento, o *feedback* dos alunos foi essencial para reavaliar o conteúdo que havia escolhido anteriormente para o plano de aula que estava criando (Apêndice I). Podemos esclarecer que nos livros didáticos analisados, conteúdos sobre arqueologia estavam presentes, mas com grandes ressalvas quanto ao material e aos recortes. Alguns dados são básicos e outros questionáveis, destacando alguns trechos como: vestígios de uma ocupação humana que “floresceu” em 3 mil e 4 mil anos, além de dizer que esses materiais pertenciam a povos nômades que seriam ancestrais dos povos indígenas brasileiros (Capítulo 2, Azevedo; Seriacopi, 2016).

Analisando essas informações, é perceptível como as informações sobre a arqueologia ainda são limitadas e os dados mais recentes estão restritos ao meio acadêmico, e mesmo quando existem esses dados, notamos que as informações acerca desses resultados são controversas.

Portanto, entendendo que um dos meios possíveis para se contribuir de maneira efetiva para a sociedade, é a apresentação das pesquisas feitas na região amazônica com o apoio da extensão universitária, e programas arqueológicos visando a extroversão do conhecimento científico como o PROARQUE (Pereira & Barreto, 2017; Rapp Py-Daniel *et al.*, 2017a, 2017b; Shock *et al.*, 2017), “O Programa de Educação Patrimonial no Projeto de Levantamento Arqueológico do Gasoduto Coari-Manaus (AM)” (Carneiro, 2009) e “Arqueologia e conhecimentos tradicionais nas comunidades ribeirinhas: Da terra para a lousa (Silva *et al.*, 2021)”.

Projetos com esse propósito estão direcionados a democratizar o conhecimento científico, para facilitar a compreensão dos dados e a valorização dos patrimônios culturais existentes em diversas realidades. Por isso, parto do preceito de que a extensão universitária pode contribuir com essas lacunas.

A ideia de extensão universitária foi debatida em 2023 pelo Plano Nacional de Educação (PNE) e determinada como obrigatoriedade nos currículos universitários. A partir de então, a normativa do MEC sobre as grades curriculares dos cursos de graduação vem fomentando a extensão universitária como forma de devolução para a sociedade pensando no tripé universitário ensino-pesquisa-extensão conforme as portarias nº 608, aprovada em 3 de outubro de 2018; nº 7, 18 de dezembro de 2018; nº 576, aprovado em 9 de agosto de 2023.

As propostas para a elaboração deste trabalho tendem a se adaptar à realidade das escolas do Pará, devido a reforma curricular para o Novo Ensino Médio, que mudou a realidade dos jovens brasileiros que são um dos públicos que esta pesquisa se direciona.

Com essa nova realidade, a nova estrutura do fundamental 1 e 2 e do ensino médio, precisou ser estudada para tentar entender onde o projeto poderia se encaixar. Uma das mudanças trazidas com o Novo Ensino Médio foi a alteração de carga horária dos alunos, assim como um aumento nas disciplinas obrigatórias, como Português, Matemática, Química, Física além da adição de novas disciplinas como Projeto de Vida, PIE (Projeto Integrado de Ensino), assim como Educação Financeira e Empreendedorismo (essas últimas sendo informações atuais dadas por uma das voluntárias do projeto).

Existe uma discussão bem complexa sobre a execução do Novo Ensino Médio nas escolas do Brasil, especificamente nas escolas da região de Santarém. Nesse caso, entender como está funcionando esse ensino pode auxiliar as aplicações, assim como pode ajudar dependendo das disciplinas. Os voluntários do projeto relatam como algumas disciplinas foram trabalhadas de uma maneira reduzida, como a disciplina de História no colégio do estudante de escola pública.

Durante as capacitações do PROARQUE, dialogamos com professores do ensino médio que relataram dificuldade em trabalhar o conteúdo das disciplinas em um curto tempo, assim como tentar entender como funciona e como trabalhar essas matérias que foram adicionadas à grade curricular das escolas. Algumas das aplicações do projeto tiveram que se adaptar a essa realidade.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Esse capítulo foi organizado em etapas, seguindo os métodos utilizados para alcançar os objetivos propostos no projeto de TCC. Cada uma dessas etapas foi formulada de acordo com os materiais que são utilizados nas aulas expositivas. Os métodos da ação proposta estão relacionados com o momento pedagógico das aplicações, que se enquadra dentro do meu plano de trabalho vinculado à Pró-reitoria de Cultura, Comunidade e Extensão (PROCCE).

A oportunidade de ser extensionista me permitiu uma proximidade com dois alunos do ensino médio que estão inseridos dentro do Novo Ensino Médio, mencionados no capítulo anterior. Durante as conversas com os alunos, descobrimos como esse novo modelo é aplicado distintamente nas escolas. Os dois alunos participantes do PROARQUE são de diferentes realidades sendo o Leonardo Colares de escola pública, que adotou inteiramente o Novo Ensino Médio, e a Júlia Albuquerque, de escola privada que estava em processo de adaptação, frisando que o aluno da escola pública (EPUB) e a estudante de escola privada (EPRIV), eram de séries diferentes. O EPUB do primeiro ano do ensino médio e a EPRIV do terceiro ano.

Como extensionista, encaixar o projeto neste âmbito foi uma tarefa desafiadora, trabalhar com o apoio de dois estudantes do ensino médio para a melhor visualização desse contexto, fez refletir como esse novo sistema é complexo e mal trabalhado pelos professores devido às dúvidas que ambos os lados têm sobre essa situação escolar.

Diante dessa realidade, propus uma ação dentro dessa pesquisa, um modelo de plano de aula (Apêndice I) que possa auxiliar os professores na divulgação da arqueologia no âmbito escolar nessa nova realidade de ensino das escolas.

Alguns trabalhos serviram de inspiração para a criação da metodologia desta pesquisa, como o: “Guia-temático: programa de educação patrimonial no projeto de levantamento arqueológico do gasoduto Coari – Manaus (AM)” (Carneiro; Neves; 2009), que foi incisivo para poder estruturar o plano de aula, e o “Arqueologia e conhecimentos tradicionais nas comunidades ribeirinhas: Da terra para a lousa” (Silva *et al.* 2021) que auxiliou bastante nos modelos das aplicações das atividades e até o próprio PROARQUE com seus livros paradidáticos que foram a base teórica de todo o projeto. Com isso, as abordagens seguiram as seguintes etapas:

Criação de um plano de aula; o uso dos kits pedagógicos; a busca por matérias-primas para confecção de tintas naturais no quadro da criação de um “painel rupestre”; um jogo da memória. Entretanto, é preciso ressaltar que o plano de aula é o elemento central deste trabalho.

3.1 Plano de aula

O trabalho iniciou com a busca por referencial bibliográfico, com leituras sobre ações de educação patrimonial, para poder relacionar as práticas abordadas ao conteúdo programático das aulas da educação básica. Com isso, o propósito da pesquisa foi elaborar um meio que pudesse auxiliar os professores a repassar o conteúdo sobre arqueologia, e que fosse didático.

Nesse caso, foi feito um plano de aula que dialogasse com algumas matérias do âmbito escolar, foram escolhidas as disciplinas de História, Artes e Estudos Amazônicos, para serem trabalhadas dentro das aplicações (Apendice I).

De início, tive que aprender a fazer um plano de aula e como ele funciona como ferramenta pedagógica no Ensino Básico. O curso de arqueologia não tem enfoque em licenciatura, então para aprender a fazer um plano consultei professores e alguns discentes do curso de licenciatura em História e Química.

Para criar esse plano de aula foi levado em consideração temáticas que eu gostaria que fossem trabalhadas e que não foram abordadas durante o meu ensino médio, com enfoque na materialidade e na arte rupestre em alguma dessas disciplinas. Como referência, utilizei os livros produzidos pelo PROARQUE, para servir como base do conteúdo que iria para o plano.

Os livros serviram para a criação de alguns tópicos do plano de aula como: o que são sítios arqueológicos? Como a arqueologia está representada na cidade de Santarém? O que é cultura material? dentre outros complementos. Entretanto, por causa da demanda pedagógica para o município de Monte Alegre, o plano de aula foi trabalhado para que pudesse compartilhar informações sobre arte rupestre.

O plano de aula foi projetado para ser apresentado em dois dias consecutivos. O primeiro dia introduzindo “O que é arqueologia?” e o segundo dia “O que é arte rupestre?”. Temáticas como, “o que é arte rupestre?”, “como é feita a produção das tintas”, “o que as figuras podem representar” e até “os dados arqueológicos mais recentes sobre o PEMA (Parque Estadual Monte Alegre)”, servem para instigar a “curiosidade” dos alunos a partir das informações coletadas em artigos, como por exemplo, líticos encontrados em escavações com pigmentos vermelhos e a relação das cerâmicas com as figuras rupestres (Pereira, 2014).

A princípio, foram considerados alguns tópicos para estruturar o plano como: objetivos, conteúdo, metodologia, competência e recursos. Os temas específicos da arqueologia, foram abordados dentro desses tópicos.

Toda essa metodologia foi aplicada por mim, para indicar a docentes do ensino básico temas que poderiam ser levados para sala de aula. O plano de aula precisou passar por

modificações no decorrer da execução do projeto, visto que os assuntos abordados eram complexos para explicar.

Portanto, para não ter apenas momentos com foco teórico, propus duas atividades de fixação de conteúdo no fim das aulas para a compreensão dos estudantes.

Como o projeto foi vinculado à universidade, a ajuda dos estudantes do ensino médio no decorrer das reuniões foi lapidando os assuntos para melhorar as aulas expositivas.

3.2 Kit Pedagógico

Como aluno e futuramente um arqueólogo da Amazônia, minha percepção em relação aos materiais arqueológicos foi mudando, e um ponto acabou surgindo. Estudamos arqueologia, mas nosso trabalho é feito em campo e em laboratório, coletando dados e terra preta nas unhas. A materialidade é a protagonista das nossas pesquisas então, por isso decidi levar uma parte do laboratório para a sala de aula.

A tese de Gibertoni (2009) “Ações educacionais no contexto da arqueologia preventiva: uma proposta para a Amazônia”, foi uma das referências deste trabalho, ela apresenta uma proposta de kit de objetos arqueológicos no contexto do Programa de Educação Patrimonial Gasoduto Coari-Manaus. O Kit é composto de artefatos arqueológicos que são encontrados na região, produzido com o objetivo de que ele circule nas escolas, para que os alunos possam conhecer o patrimônio arqueológico da região e que a ciência arqueológica seja incluída no currículo escolar (Gibertoni, 2009, p.245).

O PROARQUE produziu kits pedagógicos com o mesmo propósito, também inspirados no trabalho de Gibertoni. O kit é apresentado aos professores e explicado como deve ser utilizado durante as aulas (Figura 7).

O kit mais utilizado é uma caixa de madeira com três andares disponíveis para materiais arqueológicos, constituído de cerâmicas, com bordas decoradas e cerâmicas torneadas, louça, material lítico, réplicas de ponta de flecha, material faunístico (reproduzido), carvões carbonizados (reproduzido), material histórico e material recente, para que pudessem surgir comparações com o material arqueológico.

Figura 7: Kit pedagógico com materiais arqueológicos e réplicas.



Fonte: Autor, 2023.

Existem outros dois kits pedagógicos no PROARQUE, os três produzidos pela Prof. Dr^a Myrtle Pearl Shock, e o Prof. Vinicius Honorato. Um dos kits é feito apenas com materiais cerâmicos e possui como objetivo mostrar como se trabalha com este material, tão abundante na Amazônia.

O apoio do kit serve para complementar a parte teórica da aula, dando um suporte material que provoque curiosidade nos alunos e, com o mesmo objetivo que propõe Gibertoni, fazer com que não só os alunos, mas os professores também, mantenham vínculo e reconheçam materiais arqueológicos, já que na Amazônia esses objetos são corriqueiros.

Na proposta de plano de aula, o kit é utilizado no final da primeira aula, é quando os alunos podem se aproximar e acabar tocando, sentindo e entendendo o porquê de sermos tão fascinados por esses “cacos”. No plano de aula, essa é uma das atividades de fixação que faz com que os alunos conheçam o patrimônio arqueológico, essa etapa da aplicação conta com a autonomia dos professores e como eles se relacionam com o material.

Como propõe Bezerra (2013), na maioria dos casos os moradores das comunidades que têm sítios arqueológicos próximos, acabam se afeiçoando com a cultura material, regiões assim contribuem para a consolidação da arqueologia sensorial. Nesse caso, a reflexão sobre as relações das pessoas com as “coisas do passado”, reflete nas demandas que o PROARQUE tem

com as escolas, principalmente com docentes que já figuram nas discussões propostas por Bezerra.

3.3 Jogo da memória feito a partir de decalques digitais de arte rupestre.

Nesse tópico, além da criação do jogo em si, será trabalhado uma metodologia existente aplicada para arte rupestre: a documentação digital, em específico nos sítios de Monte Alegre (Pereira, *et al.*, 2013).

O kit pedagógico do PROARQUE, contém materiais capazes de resumir especialidades da arqueologia com o apoio da cultura material, e uma das temáticas que não existe no kit é a arte rupestre. Nesse sentido, utilizar o método de decalcar algumas figuras dos sítios de Monte Alegre e adaptá-los a um jogo da memória, surgiu para preencher essa lacuna que tinha no kit, criando um artifício didático para as aulas.

Uma das referências para a utilização desse método de documentação foi baseado através de um curso ministrado pela Dra. Edithe Pereira e a Prof. Dra. Marcela Nogueira, no laboratório de arqueologia da UFOPA durante os dias 25 a 31 de janeiro de 2023. Nesse curso, aprendemos a importância da documentação da arte rupestre, e como fazer esses decalques digitais usando programas como o *Photoshop*, *Illustrator* e *aDstrech*.

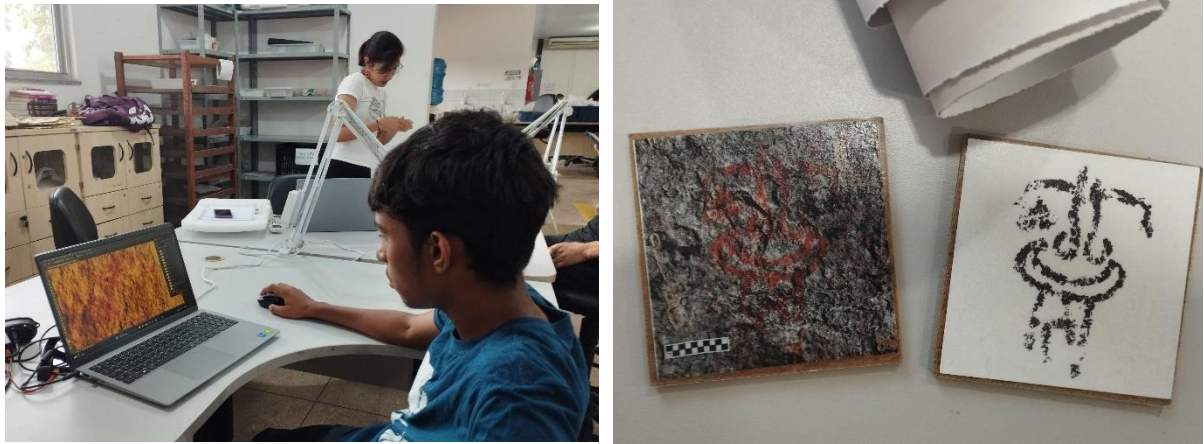
Os decalques foram feitos através de fotos das pinturas dos sítios de Monte Alegre (Parque Estadual Monte Alegre). Após o curso de decalque digital de pintura rupestre, o projeto AMA (Projeto Arqueologia de Monte Alegre), coordenado pela Dra. Edithe Pereira, disponibilizou os painéis do sítio da Caverna da Pedra Pintada para a realização de decalques a serem aplicados ao jogo da memória.

Usando o programa *Photoshop*, escolhemos as figuras, tratamos a foto aumentando o brilho e contraste para poder realçar a cor do pigmento, depois foi só utilizar a ferramenta de seleção e selecionar as partes que serão feitas no decalque (Figuras 8). Para isso, é usada a ferramenta varinha mágica e logo em seguida, criamos uma camada para remover o suporte rochoso e deixar apenas a figura/pigmentos em destaque, nesse caso, selecionamos pixel por pixel da imagem, para retirar o suporte e deixar apenas o formato da figura rupestre, uma descrição detalhada foi elaborado por Edithe Pereira e colaboradores em seu artigo “Documentação digital da arte rupestre: apresentação e avaliação do método em dois sítios de Monte Alegre, Amazônia, Brasil” (Pereira *et al.*, 2013, p. 593).

O propósito do jogo, serve como atividade de fixação sobre as pinturas rupestres. Um jogo da memória requer bastante atenção, ou seja, criar um jogo capaz de incluir os alunos em

uma brincadeira pode fazer surgir um interesse maior neles para conhecer mais sobre essas pinturas (Figura 9).

Figuras 8 e 9: Leonardo fazendo decalque no Laboratório de Arqueologia e o jogo da memória.



Fonte: Autor, 2024.

É interessante destacar, a importância do lúdico no processo de aprendizado. Durante os encontros do PROARQUE, tivemos contato com jogos, como o tabuleiro produzido pelo Instituto Mamirauá o “Arqueologicando”, jogos da memória com peças arqueológicas (esse sendo um jogo pessoal de uma das bolsistas do projeto) e materiais distribuídos na Sab Norte V em setembro de 2023, como caça-palavras.

Foi pensando nesses materiais que utilizo a arte rupestre com seu apelo estético capaz de despertar a curiosidade nas pessoas, o jogo da memória foi pensado para fixar a imagem das figuras, mentalizá-las. O enfoque nas representações rupestres é reforçado para a aplicação do painel rupestre que os alunos têm de fazer no segundo dia.

3.4 Criação de um painel rupestre, contando a história do Antropomorfinho.

A terceira atividade proposta dentro do quadro do plano de aula é a elaboração de um painel rupestre feito pelos alunos, sendo confeccionado sobre papel cartolina com o auxílio de tintas produzidas naturalmente.

Fazer as tintas no modo tradicional implica em falar sobre o processo de cadeia operatória, sendo um conceito bem utilizado na arqueologia, que busca “estudar as diferentes etapas de produção dos instrumentos, desde o estado bruto da matéria prima até chegar-se ao instrumento final, considerando igualmente as formas de utilização” (Rodet, Duarte-Talim, Santos Junior, 2013, p.266).

Nesse sentido, seria fácil os alunos pintarem os painéis com tintas que podemos comprar em uma papelaria, mas isso não os faria pensar sobre como elas eram produzidas. Por isso, apoiando-se na Arqueologia Experimental, a produção das tintas naturalmente levaria os alunos a um momento mais prático durante as aplicações, visto que:

A utilização da experimentação em arqueologia é consequência lógica do próprio assunto, o interesse do homem em si mesmo e no seu passado. Ela representa nada mais nada menos do que uma canalização da curiosidade intelectual para uma explicação do comportamento humano em termos essencialmente práticos (Coles, 1977, p.12).

O incentivo em produzir as tintas faz com que a interação deles com o professor os aproximem desse processo ancestral, tudo gira em torno da inclusão dos alunos com as temáticas fazendo parte das atividades de fixação.

Inicialmente, as tintas seriam feitas com óxido de ferro, goma de tapioca e seria utilizado uma lima para a extração do pigmento, mas essa foi uma tentativa falha. A segunda “receita” foi feita com urucum (*Bixa orellana*), água e goma de tapioca, outra tentativa que não agradou. E na última foi utilizado óxido de ferro sobre uma pedra de granito com adição de água, e esse foi o método escolhido depois de apresentar os melhores resultados quando aplicada a tinta no papel e na parede de casa.

Figura 10: Resultado de uma das últimas tentativas em fazer tinta sobre papel.



Fonte: Autor, 2023.

Essa dinâmica serve como atividade de fixação para deixar os alunos mais familiarizados com o conteúdo, a aplicação é feita após a aula expositiva, dentro da sala de aula. Dependendo das turmas escolhidas, a dinâmica sofre adaptações de acordo com a idade dos alunos, para que a história criada para a confecção do painel faça sentido para eles e suas respectivas faixas etárias.

A figura fictícia antropomórfica apelidada de “Antropomorfinho”, é inspirada em uma das figuras do PEMA (Figura 11), nesse contexto, a figura está sozinha pintada no papel cartolina e como uma tentativa de incluí-la em um contexto, explico que a figura se sente excluída dos outros conjuntos de figuras dentro do parque.

Portanto, os alunos deverão fazer pinturas ao redor para que ela deixe de se sentir solitária. A proposta serve para que haja identificação com essa sensação de se sentir sozinho, promovendo um momento de reflexão e dinâmica para que os alunos se divirtam e expressem sua criatividade no momento de fazer as pinturas.

Figura 11: Figura antropomorfa presente no Parque Estadual de Monte Alegre que serviu de inspiração para a atividade.



Fonte: Edithe Pereira, 2023.

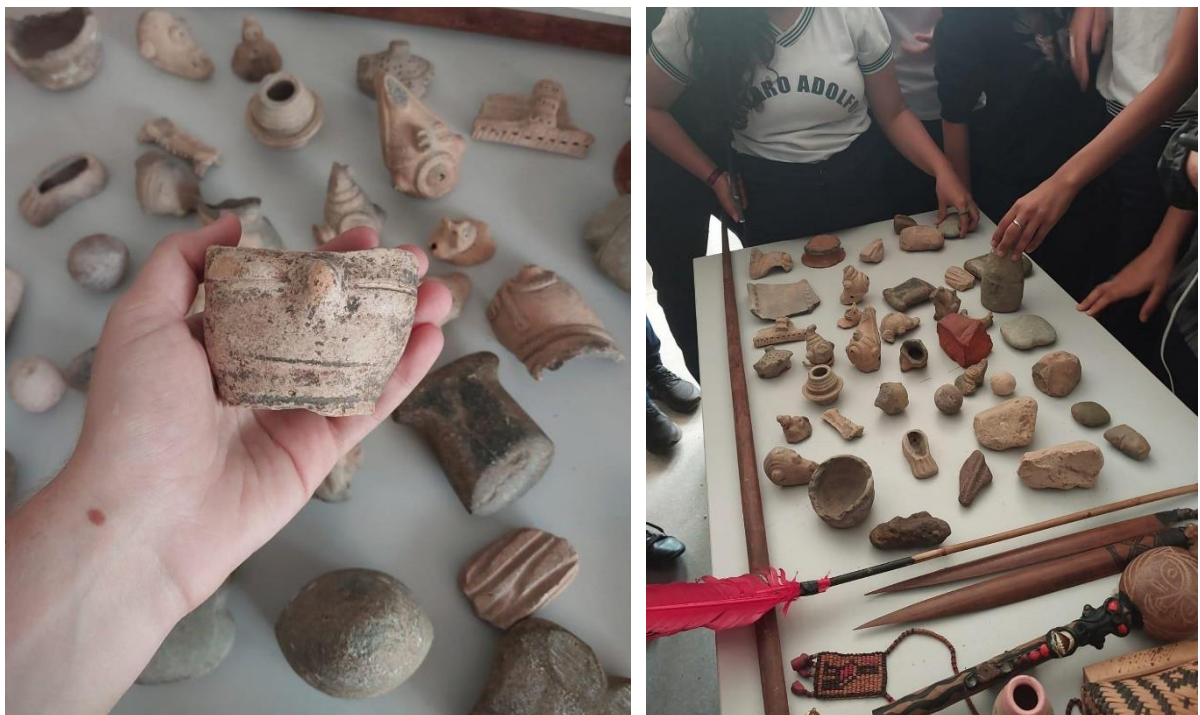
4 RESULTADOS - Aplicações do projeto nas turmas das Escolas Álvaro Adolfo, São Raimundo e Rio Tapajós

4.1 Colégio Álvaro Adolfo

No dia 05 de junho de 2023 no Colégio Álvaro Adolfo, de Santarém (PA), aconteceu o primeiro dia da aplicação do projeto. As aplicações ocorreram na disciplina de História do professor Messias Nunes Moura, que disponibilizou suas turmas do primeiro ano do ensino médio (101, 102, 103, 104 e 105) para que fossem realizadas a aplicação do plano de aula elaborado dentro do seu conteúdo programático, servindo como complemento para a disciplina.

De início, o plano de aula do projeto teve que ser modificado porque alguns dos materiais de apoio não puderam ser usados, como: o kit pedagógico e o jogo da memória, pois o jogo ainda não havia sido finalizado. Com isso, a aula teve que ser repensada e adaptada para as turmas, trocando o que estava programado para a exibição de um episódio de um desenho animado sobre arqueologia do Egito, e a ausência do kit pedagógico foi substituída pela coleção que o professor Messias possui com seu irmão de achados arqueológicos fortuitos como material cerâmico, lítico e alguns materiais de madeira e plumárias (Figura 11 e 12).

Figura 11 e 12: Coleção pessoal do professor Messias utilizada nas aplicações no colégio Álvaro Adolfo.



Fonte: Mayara Sá, 2023.

Nas primeiras aulas do dia 05, que de acordo com o plano de aula, seria uma introdução sobre “O que é arqueologia?” As turmas foram levadas até uma sala de vídeo onde estavam a equipe de apoio daquele dia, formada por Mayara Ramos Santos de Sá e Jussara Barbara Vasconcelos².

O professor Messias acompanhava os alunos até a sala e fazia as apresentações. As aulas com as turmas foram estruturadas da seguinte maneira: apresentação da equipe, exibição do episódio, explicação do assunto, exposição dos materiais sobre a mesa, uma breve fala do professor Messias e sua relação com o material.

Cada turma tinha uns trinta a quarenta alunos, e inicialmente gostaria de ter feito uma abordagem maior e ter conhecido melhor eles, saber seus nomes e idades, mas por conta do tempo não foi possível. Eventualmente, o modelo do Novo Ensino Médio prejudicou essa interação com os alunos, visto que só tínhamos 45 minutos de aula com cada turma, ou seja, finalizávamos com uma turma e logo entrava a próxima. No primeiro dia conseguimos expor apenas para 4 turmas, sendo elas as turmas 101, 103, 104 e 106.

² As atividades do projeto são feitas sempre em colaboração, e isso tem sido essencial para o diálogo com as turmas.

Figura 13: Professor Messias explicando sobre sua coleção durante uma das aplicações do PROARQUE.



Fonte: Mayara Sá.

Segundo dia, terça-feira 6 de junho

A aula começou às 7:46, e a primeira turma foi a 106. Nesse dia, não tínhamos a sala de vídeo para poder dar a aula, no caso, a dinâmica era irmos de sala em sala para que pudéssemos seguir o plano de aula. Iniciamos com uma introdução sobre sítios de arte rupestre, assim como proposto no plano de aula, a turma lembrava do conteúdo do dia anterior, mas estava tímida pra falar.

Com isso, foi exposto o que estava no plano de aula e nos slides feitos para a apresentação, segui falando sobre representações dos desenhos, representações antropomorfas e zoomorfas, figuras geométricas, sobre o PEMA. Uma parte curiosa da aula foi quando Anna Roosevelt foi mencionada em relação às escavações que foram coordenadas por ela e a problemática de não devolver o material coletado no PEMA.

Por fim, fomos para a atividade em sala e dividimos os alunos em dois grupos de 16, foram distribuídos 2 papéis de madeira para fazerem o painel. Logo seguimos para produzir a tinta e, nesse momento, os alunos se aproximavam da mesa do professor para verem as técnicas de produção. O primeiro grupo aparentava estar bem envolvido, fazendo tinta e desenhando.

O segundo grupo também estava envolvido, pintando figuras geométricas e zoomorfos, brincando e fazendo uma competição, dizendo que o painel deles estava melhor. Decidi não contar sobre a dinâmica do Antropomorfinho, acredito que esse primeiro contato não me deu segurança e nem intimidade o suficiente para isso.

Com isso, finalizamos e fomos levados até a sala 105, a turma que vimos pela primeira vez, nesse caso, eles não assistiram as aulas de introdução sobre arqueologia, estavam bem mais agitados e desatentos, nessa turma alguns alunos interagiram e davam suposições do que poderiam ser as formas de zoomorfos. Aprofundamos sobre o parque do PEMA, sua importância e que ele é um espaço para visitação, alguns relataram que nunca tinham ouvido falar sobre o parque. Os alunos se mostraram silenciosos em relação ao conteúdo, tendo algumas conversas paralelas, mas responderam às perguntas que foram feitas.

No momento da atividade de pinturas, foram divididos 14 alunos para os dois grupos que estavam na sala, foi dada as mesmas instruções para a turma anterior: que era para desenhar o que quisessem. O primeiro grupo se organizou e separou quem pintava e quem fazia as tintas, estavam conversando e dando ideias, aconteceu alguns conflitos entre eles, mas brincaram com a tinta, se sujando. O segundo grupo ficou pensando em o que fazer e quase todos participaram. O primeiro grupo tentou refazer um dos desenhos mostrados no slide. Alguns alunos ficaram dispersos, apesar da atividade tentar englobar a todos.

Nessa turma havia um aluno com um crachá de identificação de autismo, não conseguimos fazer com que todos participassem, incluindo este aluno que continha uma condição especial, é um problema do projeto, ele ainda não está adaptado para todos os públicos.

Na turma 103, ocorreu tudo como planejado, incluindo a confiança que adquirimos no decorrer das apresentações. Nessa turma tinha uma aluna que já havia ido ao Pema, seu nome era Cíntia e ela mora em Monte Alegre.

Na Sala 102, que aconteceu às 10:12, essa turma também não tinha visto a aula do primeiro dia, sobre arqueologia. Essa turma demonstrou estar calma e atenciosa. Fizemos um breve resumo sobre o que foi exposto na aula anterior e prosseguimos com o que estava programado para a segunda aula, a dinâmica foi a mesma na próxima turma, a 101 onde chegamos às 10:50.

Figura 14: Alunos do Álvaro Adolfo com seu painel.



Fonte: Mayara Sá, 2023.

4.2 Colégio São Raimundo Nonato

Em novembro de 2023, o Laboratório de Arqueologia Curt Nimuendaju recebeu a visita de alguns estudantes do segundo ano do ensino médio da Escola São Raimundo Nonato, de Santarém, acompanhados da professora Amanda Evelin da Silveira Carneiro.

As visitas ao laboratório são recorrentes e vimos nessa vinda uma oportunidade de aplicar uma das atividades do projeto.

O objetivo da visita dos alunos foi decorrente a uma das disciplinas adicionadas na grade curricular do Novo Ensino Médio, a disciplina de PIE (Projetos Integrados de Ensino), que visava a interdisciplinaridade dos 4 campos das ciências humanas, uma das áreas de conhecimento era a arqueologia amazônica, onde a professora decidiu trabalhar os livros do PROARQUE, e resolveu trazer alguns estudantes para o laboratório para conhecer sobre a materialidade descrita nos livros. Assim como, propôs aos alunos elaborarem perguntas acerca do conteúdo repassado para serem respondidas pela professora Anne.

A dinâmica foi bem diferente da aplicada no colégio Álvaro Adolfo, neste dia, a professora Anne (que geralmente faz a recepção dos estudantes durante as visitas), iniciou as apresentações e conduziu todo o primeiro momento das atividades. Fez as apresentações, quis saber os nomes dos alunos, explicou sobre arqueologia, cultura material, mostrou algumas

coleções do laboratório e deixou para mim a explicação sobre “o que é arte rupestre?”, mas com o tempo também limitado, fiz apenas um breve resumo do que se tratava o assunto.

O kit pedagógico foi utilizado nesse dia, o que permitiu a explicação sobre a materialidade e o contato dos alunos com o material. A turma estava bem participativa e respondiam as perguntas dentro do que já haviam visto em sala de aula. Acredito que por estarmos em um local diferente da realidade deles, os alunos se mantiveram mais acanhados e menos agitados do que nas turmas do Álvaro Adolfo.

Nesse caso, a participação deles foi mais ativa quando partimos para a confecção dos painéis. Eles entenderam como se fazia a tinta e aplicaram no painel. Algo notado nesse momento, foi a dificuldade deles em fazerem as pinturas, em comparação às turmas do professor Messias, essa turma do colégio São Raimundo se limitou a algumas figuras de flores, sol e pessoas. No decorrer da dinâmica alguns alunos ficaram dispersos dessa vez, poucos participaram da confecção do painel, alguns comentaram que não queriam se sujar com as tintas.

Figura 15: Alunos do São Raimundo com seus painéis durante visita ao laboratório.



Fonte: Amanda Evelin, 2023.

4.3 Colégio Rio Tapajós

A aplicação da atividade do projeto nessa turma também precisou ser adaptada ao limite de tempo e de conteúdo, nesse caso, recebemos novamente alunos no laboratório de arqueologia em novembro de 2023 e tivemos que apresentar o plano de aula para duas turmas do 2º ano do ensino médio.

De acordo com a professora Silvana dos Santos Costa, o objetivo de vir ao laboratório foi devido a disciplina de “Percurso de Aprofundamento”, do 2º ano do Ensino Médio de escolas públicas do estado, a disciplina visa o respeito às diversas culturas da Amazônia.

Por isso, decidi vir ao laboratório, além de já ter participado de uma das capacitações do PROARQUE. Em conversa com a professora Silvana ela nos comunicou sobre as escolas não terem nenhuma informação sobre os povos originários de Santarém, ela leu os livros sobre Santarém produzidos pelo PROARQUE, e achou que o conteúdo é um grande aliado para a introdução histórica da cidade de Santarém.

Com isso, nesse dia fiquei responsável pela apresentação do plano de aula e da visita ao laboratório, também tive apoio de alguns discentes do curso de arqueologia, Marlos Douglas Silva Rocha, Izamara Gomes Pereira, Vitória Pinto da Silva e Cassia Nicole Martins Cunha.

De início, uma turma de 20 alunos chegou ao laboratório e os encaminhamos para a sala de aula onde começamos com a apresentação dos alunos, uma fala da professora Silvana sobre o objetivo da visita e explicando sobre uma avaliação que os alunos deveriam fazer sobre nós, todos estavam com um formulário para responder.

Como tínhamos que adaptar a aula e queríamos apresentar os dois assuntos (Introdução sobre arqueologia e arte rupestre), comecei a aula como aconteceu nas turmas do Álvaro Adolfo, mas dessa vez a metodologia que faltou nas outras aplicações foram utilizadas como: o kit pedagógico e o jogo da memória.

Essa turma estava bem participativa e sempre levantavam a mão com dúvidas sobre o que estava nos slides. A aula seguiu com o conteúdo do plano e dessa vez, com a mudança de alguns tópicos que fizemos durante os encontros do PROARQUE com os discentes bolsistas do projeto, as mudanças foram bem melhores para trabalhar, mudamos para especificar a arqueologia em Santarém, como estão representados elementos arqueológicos na cidade e o Muiraquitã, bastante comercializado e representado na cidade. O que ajudou bastante com a identificação dos alunos visto que eles não sabiam desse tipo de informação (Figura 16).

Figura 16: Exemplos de vaso cariátide representado na calçada da orla da cidade de Santarém



Fonte: Autor, 2024.

Figura 17: Exemplos de vaso cariátide representado na calçada da orla da cidade de Santarém



Fonte: Autor, 2024.

Tivemos que mesclar o conteúdo sobre arte rupestre nos slides de introdução a arqueologia e não foi tão trabalhoso, dado que fez uma conexão muito interessante com as atividades de pinturas propostas no final da aula. Utilizamos o kit pedagógico e para ter um controle melhor devido ao espaço pequeno para uma turma grande, decidimos por o material do kit em basquetas para irem circulando entre os alunos.

Quando finalizamos a aula fomos para a área externa do laboratório participar da criação do painel, dividimos 2 grupos, pois alguns precisavam ir para a visita e conhecer o laboratório enquanto outro grupo ficou para fazer as tintas e fazer os painéis. Essa experiência com as turmas do colégio Rio Tapajós foi muito interessante, pois eles estavam muito interessados e participativos, em todas as turmas aplicamos a confecção do painel, mostrei como fazia as tintas (no método que escolhi), mas também mostrei outras possibilidades de fazer tinta, pois na área externa tinha muito material que utilizamos nas disciplinas de Arqueologia Experimental.

Todos se empenharam bastante para fazer um painel bonito, ao todo, 4 grupos de alunos de 2 turmas do colégio participaram da atividade, ao mesmo tempo em que a confecção dos painéis acontecia, coloquei o jogo da memória para circular entre eles para poderem jogar. De início, ninguém deu muita atenção para o jogo, mas enquanto alguns terminavam de finalizar os painéis, decidiram jogar e passaram muito tempo nele porque disseram que estava difícil de identificar as figuras.

Figura 18: Resultado dos painéis dos alunos do colégio Rio Tapajós durante as aulas.



Fonte: Autor, 2024.

Figura 19: Alunes do colégio Rio Tapajós fazendo o painel.



Fonte: Autor, 2024.

Figura 20: Aluna do colégio Rio Tapajós fazendo tinta.



Fonte: Autor, 2024

Figura 21: Alunos criando o painel.



Fonte: Autor, 2024.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências em sala de aula foram bastante distintas, nessa conclusão destaco momentos em que as aplicações do projeto foram realizadas com sucesso e outros momentos em que a metodologia não foi o suficiente, além de descrever como os professores que participaram das ações tiveram protagonismo, dado que a criação do plano de aula foi feito para eles.

De início, atento sobre os problemas acerca da metodologia, que não foi realizada inteiramente em duas aplicações, no Álvaro Adolfo e nas turmas do colégio São Raimundo, como o jogo da memória, onde não tinha finalizado os decalques para montar as peças e o kit pedagógico, que foi substituído pela coleção do professor.

No colégio Álvaro Adolfo por se tratar da primeira execução do projeto, essa aula serviu muito bem como público-teste para saber se o conteúdo do plano de aula conseguia ser feito. Para mim, como aplicador, tive dificuldade em explicar algumas coisas que tinha adicionado no plano, como o tópico sobre a importância da arqueologia para região amazônica, adicionei esse item, pois considero que os estudos sobre arqueologia são importantes e são capazes de contribuir para as pesquisas sobre o passado da nossa região e o respeito com as comunidades tradicionais e quilombolas. Mas naquele momento, não estava conseguindo repassar o que queria, nessa primeira aplicação esse tema não foi muito bem trabalhado e tive muita dificuldade em explicar o que tinha planejado. Este tópico foi substituído por como a arqueologia está representada em Santarém.

Algo a destacar, nas primeiras turmas do colégio Álvaro Adolfo, foi como os alunos se mostraram indiferentes ao assunto. Foi algo espantoso, lidar com todas aquelas cabecinhas viradas como se fossemos especialistas em arqueologia, sendo que tínhamos tantas dúvidas quanto elas. Por causa do tempo corrido, não saber seus nomes, suas idades ou até mesmo o som de suas vozes, fez surgir um sentimento indiferente àqueles estudantes que provavelmente só estavam esperando o horário do recreio.

Mas foi na sala 103 e 101 onde tivemos mais olhos curiosos, ouvidos atentos e bocas falantes (paralelos ao assunto ou não), talvez durante as aulas, tivesse dominado mais o assunto e pudesse ser perceptível minha segurança e domínio do conteúdo. Por vezes ou outra, o professor tinha que intervir devido às conversas paralelas. Nesse momento o pânico se instalava em meu rosto e tínhamos que fingir naturalidade, pois na Universidade não estamos acostumados a lidar com essa abordagem mais autoritária (talvez tenha até esquecido que era assim), mas de qualquer forma, o professor Messias conseguia acalmá-los e funcionava sempre.

Em todas as turmas do Álvaro Adolfo, a agitação era maior quando pedíamos para se aproximarem e observarem o material arqueológico que estava na mesa. Como estudantes de arqueologia, não víamos problema algum com que os alunos tocassem no material, mas aparentemente o professor tinha um afeto muito grande por sua coleção, quando deixou os alunos tocarem, impôs limites para que eles tivessem o maior cuidado e respeito com as peças.

Não me surpreendi quando os alunos ao tocarem no material, começaram a criar hipóteses e perguntar o que cada cerâmica significava, visto que a coleção tinha cerâmicas decoradas com apliques zoomorfos, alguns pedestais, algumas bordas com motivos decorativos bem acabados e até uma peça contendo engobo branco. O material lítico estava limitado a machadinhas e esse foi o que mais chamou atenção de alguns alunos uma vez que, em alguns relatos, algum parente tinha uma machadinha em casa. Outros tocaram no material sentindo sua textura, alguns cheiraram e outros ficaram dispersos durante a exibição do material.

Nesse momento, foi onde tivemos uma troca mais aprofundada com os alunos desse colégio, o professor finalizava as aulas com sua explicação sobre o material e era incisivo quando falava da importância da preservação do patrimônio cultural e de como vender material arqueológico era ilegal, assim como o professor citava a capacitação em que participou em Monte Alegre, e muito do domínio do assunto que ele tinha, era perceptível seu estudo sobre os livros que o programa produziu.

As experiências em laboratório foram bem diferentes do que as na escola. Primeiramente, eu estava em “casa”, aquele ambiente não era estranho, isso me acalmou muito. Acredito que estar ao lado da professora Anne na aplicação do colégio São Raimundo tenha me deixado mais nervoso do que os próprios alunos, é sempre um pouco intimidador explicar sobre arqueologia na frente de uma pessoa que tem doutorado no assunto – muita pressão – então acredito que durante essa aplicação meu nervosismo estava onipresente por esse motivo.

No geral, consegui me identificar muito bem com os alunos, tirar brincadeiras, mas não consegui fazer com que todos participassem da elaboração do painel, essa foi a aplicação onde até os alunos tiveram dificuldade em fazer desenhos, sem terem tido a teoria sobre arte rupestre e nem terem visto tantas figuras para se inspirarem, a experiência não rendeu o que achei que poderia render.

Com a turma da professora Silvana, a aplicação foi bem diferente da anterior. Nesse dia, a professora Anne não pode estar presente o tempo todo – e ironicamente eu também estava em pânico, pois eu teria que conduzi-los sozinho. Mas ocorreu tudo bem, essa foi a aplicação que, apesar de adaptada, consegui apresentar tudo o que queria e todas as metodologias foram utilizadas. Com certeza, as aulas da professora Silvana anteriormente sobre arqueologia

ajudaram bastante pois os alunos que vieram com bastante perguntas e interessados, foram muito participativos.

Isso foi perceptível por causa das suas perguntas, eram bem específicas e elaboradas no momento da minha própria explicação. Não tivemos nenhuma conversa paralela e a professora Silvana não precisou chamar a atenção deles em relação ao comportamento, todos estavam bastante dispostos. Essa turma também estava muito participativa na hora de criar os painéis, usaram a fabricação que propus para fazer as tintas, mas também quiseram aprender outras técnicas de preparo e aplicação, além de utilizarem os dedos, eles usaram também pinças improvisadas de capim.

Eles foram muito criativos, acredito que com a visita ao laboratório, criar os desenhos tenham os inspirado, até porque visitamos o painel que fizemos em uma das aulas de Arqueologia Experimental que fica na parede dos fundos do laboratório, alguns alunos iam olhar o painel e desenhar figuras muito parecidas no painel de papel.

A devolutiva dos professores acerca do plano foi positiva, todos os 3 professores afirmaram que as aulas ajudaram bastante dentro do conteúdo programático das suas disciplinas.

O professor Messias utilizou da aplicação para começar a introduzir sobre “pré-história” dentro de suas aulas. Um ponto muito interessante que percebi foi como os professores gostavam muito de falar sobre arqueologia, o professor Messias tinha um carinho muito grande por sua coleção e a todo momento nos contava como tinha achado elas e como decidiu começar a colecioná-las. Ele foi um dos professores da capacitação em Monte Alegre em maio de 2023 que viu o plano de aula e disponibilizou suas aulas para executarmos o mesmo.

A professora Amanda alertou como essas disciplinas novas do Ensino Médio eram muito “conteudistas” e a aplicação do projeto serviu muito bem para aproximar os alunos do conteúdo dos livros que ela mesma utilizou como base.

A professora Silvana sistematizou sua disciplina aplicando um questionário aos alunos com o que foi passado durante as ações do projeto, falando que o saldo foi positivo visto que os alunos aprenderam coisas que não sabiam sobre Santarém, como os sítios arqueológicos da cidade, terra preta como vestígio e os sítios de arte rupestre em Monte Alegre, além de descobrirem que arte rupestre não tem apenas nesse município, mas também em Prainha e Alenquer. Além de trabalhar todo o conteúdo em cima do respeito que devíamos ter com o patrimônio e com as populações que produziram e produzem até hoje, comentou seu fascínio pelos grafismos e mencionou que trabalharia mais aprofundado o conhecimento tradicional com

seus alunos, dado que já tinha até realizado anteriormente uma oficina de cerâmica para a confecção de muiraquitãs.

Todas as experiências que tive no projeto foram únicas e penso sempre com carinho em todas as pessoas que conheci durante esse período, e todos os alunos que vieram timidamente falar comigo depois das aulas sobre já terem vistos “pedras” parecidas com as do kit, caretinhas no quintal da sua avó e até terra preta com alguns ossos no sítio onde moravam. Em todas as aplicações recebíamos esses comentários, o material fala e as pessoas escutam.

O nervosismo se dissipou à medida que as aplicações aconteceram e as devolutivas positivas sobre o plano me alertaram sobre como devemos falar mais sobre patrimônios culturais com os estudantes de hoje. As aplicações ainda seguem como planejado e espero uma oportunidade para aplicar o projeto em turmas do fundamental, onde finalmente terei público para contar a história do Antropomorfinho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEZERRA, Marcia. Os sentidos contemporâneos das coisas do passado: reflexões a partir da Amazônia. **Revista Arqueologia Pública**, v. 7, n. 1, p. 107-122, 2013.
- COLES, J. 1977. **Arqueologia Experimental**. Lisboa: Livraria Bertrand.
- CARNEIRO, Carla Gilbertoni.; NEVES, Eduardo Góes. **Guia temático**: programa de educação patrimonial do levantamento arqueológico do gasoduto Coari-Manaus. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 2008.
- CARNEIRO, Carla Gilbertoni. **Ações educacionais no contexto da arqueologia preventiva**: uma proposta para a Amazônia. Dissertação de mestrado 2009, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, MAE, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.
- CARNEIRO, Carla Gibertoni. Educação patrimonial, educação patrimonial em museus e participação. **Questões indígenas e museus**: enfoque regional para um debate museológico. Brodowski: ACAM Portinari, p. 88-95, 2014.
- CARVALHO, Francinete Bandeira.; ARAÚJO, Cleusa Suzana Oliveira de.; GONÇALVES, Carolina Brandão. Divulgação Científica e ensino de ciências numa perspectiva inclusiva por meio de história em quadrinhos e língua de sinais – libras. **Revista Valores**, Volta Redonda, 6 (edição Especial): 706-720, 2021.
- DA ROCHA, Bruna Cigaran *et al.* Na margem e à margem: arqueologia amazônica em territórios tradicionalmente ocupados. **Amazônica-Revista de Antropologia**, v. 6, n. 2, p. 358-384, 2014.
- DA SILVA, Karen Cristina Jensen Ruppel; BOUTIN, Aldimara Catarina. Novo ensino médio e educação integral: contextos, conceitos e polêmicas sobre a reforma. **Educação (Santa Maria. Online)**, v. 43, n. 3, p. 521-534, 20
- FERREIRA, P. de S.; ROCHA, S. H. X.; SOUZA, M. de F. M. de. Aspectos históricos da formação de professores primários em Santarém no século XX: o legado das escolas Álvaro Adolfo da Silveira, Santa Clara e São José. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 15, n. 62, p. 167–184, 2015. DOI: 10.20396/rho.v15i62.8640500. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640500>. Acesso em: 28 maio. 2023.
- FUNARI, P. P.; TEGA, G. Arqueologia, do Imperialismo à inclusão social. **Expressa Extensão**. Pelotas, v.19, n.1, p. 17-27, 2014.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Iphan, 1999.
- LUCIANO, Weldon. Saiba porque Santarém comemora aniversário em 22 de junho. **G1 Santarém**. Santarém. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarem->

regiao/noticia/2016/06/saiba-por-que-santarem-comemora-aniversario-em-22-de-junho.html acesso em 05 de mai. 2024.

MARTIN, Gabriela. Arte rupestre e registro arqueológico no Nordeste do Brasil. **CLIO Série Arqueológica**, n. 9, 1993.

PEREIRA, E.; BARRETO, C. , **Guia Arqueológico do Parque Estadual Monte Alegre**. 1. ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2017. v.1. 88p.

PEREIRA, Edithe *et al.* **Monte Alegre: uma história de longa duração**. 1. ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, v. 1. 60p. 2018.

PEREIRA, Edithe *et al.* Documentação digital da arte rupestre: apresentação e avaliação do método em dois sítios de Monte Alegre, Amazônia, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 8, p. 585-603, 2013.

Portaria N° 608, de 3 de outubro de 2018, Diretrizes para as Políticas de Extensão da Educação Superior Brasileira, Diário Oficial da União, Brasília DF, 03/10/2018.

Portaria N° 7, de 18 de dezembro de 2018, Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira, Diário Oficial da União, Brasília DF, 18/12/2018.

Portaria N° 576, de 9 de agosto de 2023 Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira Diário Oficial da União, Brasília DF, 09/08/2023.

PROUS, A. As categorias estilísticas nos estudos de arte pré-histórica: arqueofatos ou realidades? **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. (supl. 3), 251-261. 1999.

RAPP PY-DANIEL, Anne *et al.* **Uma Santarém mais antiga sob o olhar da Arqueologia**. Belém: MPEG, 2017a.

RAPP PY-DANIEL, Anne *et al.* **Arqueologia e suas aplicações na Amazônia**. Belém: MPEG, 2017b.

RODET, Maria Jacqueline; DUARTE-TALIM, Déborah; SANTOS JUNIOR, Valdeci dos. Cadeia Operatória e Análise Tecnológica: uma abordagem metodológica possível mesmo para coleções líticas fora de contexto (exemplo das pontas de projétil do nordeste do Brasil). **Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano**, p. 264-278, 2013.

SILVA, Maurício André da; TAMANAHA, Eduardo Kazuo; LIMA, Marjorie do Nascimento. **Arqueologia e Conhecimentos Tradicionais nas Comunidades Ribeirinhas: da terra para a lousa**. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2021.

TOKARNIA, Mariana. Novo Ensino Médio não agrada a maioria dos estudantes e professores. **Agência Brasil**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-12/novo-ensino-medio-nao-agrada-estudantes-professores-e-gestores>. Acesso em 05 de mai. 2024.

APÊNCICE 1



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
 Bacharel em Arqueologia

1 – IDENTIFICAÇÃO

PLANO DE AULA

Disciplina:	História; Arte; Estudos Amazônicos
Professoras (os):	Christian Ruan de Almeida Santos
Tema:	O que é arqueologia? O que é arte rupestre?
Tempo:	2 dias
Público Alvo	1º Ano Ensino Médio

2 – OBJETIVOS:

Geral:

Mostrar o que estuda a arqueologia, suas aplicações, e o que são sítios de arte rupestre.

3 – Específicos:

- Mostrar a importância da arqueologia para Amazônia
- Explicar a arqueologia a partir da materialidade, além de explicar sobre sítios de arte rupestre.
- Apresentar dinâmicas que possam agregar na explicação sobre os tópicos de arqueologia.

– CONTEÚDO: AULA 1

- O que é Arqueologia?
- O que são sítios arqueológicos?
- Arqueologia em Santarém;

- Representações pela cidade;
- Explicação de materialidade com utilização do kit pedagógico.
- Dinâmica de jogo da memória a partir de decalques com imagens de pinturas rupestres dos sítios do Parque Estadual de Monte Alegre – PA (PEMA).

– CONTEÚDO AULA 2

- Pedir um breve resumo do que foi dito na aula anterior;
- Introdução sobre Arte Rupestre;
- Arte Rupestre em Monte Alegre;
- Diferença entre pinturas e gravuras.
- Como é feita a produção de tintas (técnicas, matéria-prima)
- O que são figuras antropomórficas, zoomórficas e formas geométricas.
- Dinâmica sobre arte rupestre, produzindo um painel e explicando a história do Antropomorfinho.

– DESENVOLVENDO O CONTEÚDO

O Programa “Arqueologia nas Escolas” atua desde 2016, visando levar ao ensino básico uma explicação sobre o que é arqueologia. A Arqueologia é uma ciência que estuda o passado através da cultura material em locais que os arqueólogos chamam de “Sítios Arqueológicos”, por isso, damos importância para essa bendita cultura material. Mas afinal de contas, o que seria cultura material?

A cultura material são todos os vestígios tangíveis que podem ser encontrados em locais que bem antes de nós existirmos, os humanos já faziam suas casas, roças e pomares (Shock, *et al.* 2017), exemplos como cerâmicas, vestígios líticos (pedras), plantas, solos, paisagens, sepultamentos entre outras evidências, (Silva; Tamanaha; Lima. 2021) a história desse material está ligada diretamente à história de povos originários, que é contada tão fragmentada quanto seus registros documentais. Moramos em um lugar de incrível diversidade que é a Amazônia, por isso, os trabalhos do programa estão voltados para o que é a Arqueologia na Amazônia.

De início, trabalhamos com a turma de jeito simples sobre como funciona os estudos em arqueologia, a importância da materialidade, o que são artefatos cerâmicos, artefatos líticos, urnas funerárias, o que são sítios arqueológicos, pinturas rupestres, registro faunísticos e entre outros, já que a arqueologia, pode se dizer que é uma área interdisciplinar. Logo, o Programa ajuda a exemplificar o que cada área da arqueologia pode nos contar sobre como viviam as pessoas antigamente e a importância da materialidade nessa narrativa.

O objetivo do projeto é trabalhar a arte rupestre e como são esses sítios, que podem até parecer distantes da nossa realidade, mas que estão marcando presença na Amazônia, principalmente em Monte Alegre, aqui no Pará. Os sítios de Arte Rupestre também são tão importantes quanto os vestígios materiais. Como já dito, em Monte Alegre existe o PEMA (Parque Estadual de Monte Alegre) e além de sua linda paisagem e vegetação diversificada, dentro do parque existem os famosos sítios de Arte Rupestre de Monte Alegre, que estão localizados em painéis rochosos e dentro de cavernas e abrigos, que a partir de datações indiretas, foram atribuídas pela arqueóloga Anna Roosevelt uma data de 11.200 anos, sobre as pinturas do parque. As pinturas não tiveram suas datações feitas diretamente, aplicadas aos pigmentos dos painéis, associadas à presença de pigmentos encontrados nos níveis mais antigos da escavação arqueológica (Pereira. et al. 2018).

Portanto, utilizaremos da disponibilidade dos discentes, em criar o seu próprio painel rupestre, com o intuito de trabalhar sua imaginação e conhecimento adquirido a partir da explicação sobre os sítios arqueológicos e sítios de arte rupestre. As atividades propostas no primeiro momento, serão abordadas com o jogo da memória elaborado a partir de fotos das pinturas rupestres dos sítios de Monte Alegre, e no próximo momento, os discentes irão elaborar um painel rupestre, em que irão utilizar tintas que foram produzidas naturalmente para a dinâmica. O programa tem interesse em trabalhar a inclusão das pessoas e mostrar do que a arqueologia se trata, nesse caso, o painel será elaborado pelos alunos dentro de uma dinâmica lúdica, pois iremos contar a história do “Antropomorfinho”.

O Antropomorfinho é uma figura antropomórfica fictícia criada especificamente para essa dinâmica, a pintura rupestre está inserida em um painel vazio, é incomum as pinturas rupestres estarem “solitárias” nesses contextos, mas nossa figura estará pois será trabalhada a importância da inclusão em qualquer área da nossa vida, tanto a vida escolar, como a social e até acadêmica. O intuito da dinâmica é não deixar o Antropomorfinho sozinho, então os estudantes farão seus desenhos ao redor da figura criando seu próprio painel rupestre.

– COMPETÊNCIAS

- Fazer com que o aluno compreenda e reflita sobre a importância da arqueologia da nossa região.
- Trabalhar a persistência da inclusão no âmbito escolar/social/acadêmica.
- Instigar o interesse dos alunos a saberem mais sobre sua história a partir da cultura material e imaterial.

- Fazer o aluno correlacionar os materiais antigos aos contemporâneos e pensar na capacidade do ser humano em criar ferramentas para sua subsistência.

– METODOLOGIA

Aula dialogada e expositiva, com apresentação de *slides*, utilização do kit pedagógico (o kit é uma caixa que contém materiais arqueológicos como: cerâmica pós e pré-colonial, artefatos líticos, material histórico, amostras de carvão carbonizado e amostras de ossos de animais que pertencem a coleção osteológica do laboratório de arqueologia) e as dinâmicas que complementam a explicação.

- RECURSOS

- Livros didático
- Tintas naturais
- Slide
- Computador
- Folhas para criação do painel e jogo da memória
- Kit pedagógico

– REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PEREIRA, E. ; BARRETO, C. ; RAPP PY-DANIEL, A. ; MORAES, C. P. ; ARENZ, K. ; NASCIMENTO, H. . **Monte Alegre**: uma história de longa duração. 1. ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2018. v. 1. 60p.

SILVA, Maurício André da; TAMANAHA, Eduardo Kazuo; LIMA, Marjorie do Nascimento. **Arqueologia e Conhecimentos Tradicionais nas Comunidades Ribeirinhas**: da terra para a lousa. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2021.

SHOCK, Myrtle Pearl; PY-DANIEL, Anne Rapp; CARNEIRO, Tâmires Monte; **Descobrimos Arqueologia**. Belém: MPEG, 2017.